

Festa brava portuguesa: pessoas humanas e pessoas animais

Lady Selma Albernaz¹

Resumo

A partir de uma etnografia da festa brava, realizada entre 2010-11, foquei meus esforços em compreender a tauromaquia em Portugal, bem como os argumentos do movimento dos direitos dos animais, sediado em Lisboa, que tem o fim das touradas como um ícone. Neste trabalho exploro como ambos os lados percebem a relação entre seres humanos e touros nesta festa. Os resultados sugerem que entre os dois grupos circulam duas noções de pessoas para os animais. Do lado taurino, animais e humanos se conformam mutuamente, admitindo-se a animalidade humana ao tempo em que se atribui uma personalidade aos touros. Do lado dos animalistas, defendem-se direitos para os animais de maneira que somente no sentido jurídico os mesmos podem ser pessoas.

Palavras-chave: Festa Brava Portuguesa, Pessoa Humana e Não Humana, Animalistas, Animalidade.

¹ Professora Adjunto VI, Departamento de Antropologia e Museologia, UFPE. Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670-901 | Fone PABX: (81) 2126.8000. Atua no PPGA / UFPE. email: selma.albernaz@gmail.com.

Abstract

Based on a *fiesta* ethnography which I did in 2010 and 2011, I focus my efforts to comprehend the art of bullfighting in Portugal as well as the arguments of the Lisbon animal rights movement. The end of bullfights is the principal aim of this movement. This article explores how both sides perceive the relations between human beings and bulls in this festival. The results suggest that there are two notions which circulate between the two groups about persons for the animals. On the bullfighter side, animals and humans are conform mutually, one to the other. At the same time that animality, is attributed to persons, person-ness is attributed to the bulls. On the animalist side, rights are defended for the animals in such a way that, it is only in the juridical sense that bulls can be persons.

Palavras-chave: Portuguese *Fiesta*, Human and Non-human Persons, Animalists, Animality.

Introdução

Samba dos animais

Jorge Mautner

*O homem antigamente falava / Com quem? com quem? com quem?
Com a cobra, o jabuti e o leão / Olha o macaco na selva
Aonde? aonde? ali no coqueiro! / Mas não é macaco baby, é meu irmão!
Porém durou pouquíssimo tempo / Essa incrível curtição
Pois o homem, é o rei do planeta / Logo fez sua careta / E começou a sua civilização
Agora já é tarde / Ninguém nunca volta jamais
O jeito é tomar um foguete / É comer desse banquete / Para obter a paz - aquela paz
Que a gente tinha quando falava com os animais
Quém, quem, quem / Miau, miau / Au, au, au, au
Bom dia dona Cabrita, como é que vai?*

Desde 2001 pesquisei a festa do bumba meu boi no Maranhão, um ritual de morte e ressurreição do boi, cujo conjunto, sintetizado no animal que é também antropomorfizado (Albernaz, 2004; 2010a; 2010b; 2011). Ainda que tenha explorado pouco este sentido nestes estudos, pensou-se seria assemelhado àquele atribuído às touradas ibéricas,

notadamente em Portugal, surgindo daí a inspiração para investigar touradas portuguesas, durante o estágio pós-doutoral (2010-11)². A comparação também parecia instigante pelo histórico de perseguições sucessivas e intermitentes, feitas por diferentes agentes (estado, igreja, sociedade civil), às manifestações populares em geral, e ao bumba meu boi em particular, justificadas pela acusação de barbarismo. Perseguições do mesmo tipo foram feitas contra as touradas, sendo hoje mais específicas porque relacionadas a um conjunto de valores relativos aos direitos dos animais, que abarcam outras práticas sociais e culturais. Estas perseguições possibilitam compreender disputas sobre as relações entre animais humanos e não humanos nas quais me debruço aqui.

Realizei uma etnografia da festa brava portuguesa entre 2010-2011, tendo focado meus esforços em compreender a tauromaquia na região de Lisboa e fronteiras do Alentejo, bem como os argumentos do movimento dos direitos dos animais [ou animalistas]. Na festa brava me detenho na análise dos grupos de forcados, que descrevo adiante. No caso dos defensores dos direitos dos animais me ative ao principal grupo deste tipo em Portugal, com sede na capital, o qual tem no fim das touradas um ícone das suas lutas. Partindo destas disputas, neste trabalho exploro como se dá a relação entre seres humanos e touros nesta festa, lidos também a luz dos argumentos dos animalistas. Para iniciar a discussão, situo a festa brava portuguesa pouco conhecida no Brasil. Na sequência exponho os sentidos atribuídos à relação entre humanos e touros na perspectiva dos que fazem a tauromaquia. Confronto, em continuidade, com os sentidos que os animalistas atribuem a esta relação (humanos e touros) segundo algumas correntes da filosofia dos direitos animais.

² Realizei o pós-doutorado (Capes) no Departamento de Antropologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) em colaboração com o colega Jorge Freitas Branco. Agradeço-lhe a sugestão, estímulo e apoio na investigação. Sua leitura prévia do trabalho que originou este foi inestimável.

Apresentando a festa: Touros em Portugal³

Para o momento posso afirmar que a tauromaquia portuguesa conforma-se numa estrutura complexa de eventos. Ela é feita de etapas sucessivas no tempo, constitui-se de diferentes acontecimentos, intimamente interligados, profundamente conhecidos por quem deles participa (os/as aficionados/as). As festas possibilitam comunicação e alianças entre as varias regiões em que o país se divide, bem como guardam uma estreita relação com a vizinha Espanha e com, o não tão vizinho, sul da França. Elas mediam também uma rede de relações entre pessoas com posições sociais diversas e, ao mesmo tempo, a tauromaquia permite uma maneira própria de relações interespecies, ou interanimalidade, que poderia ser percebida como uma forma de habitar, a maneira de Ingold (2003)⁴.

Especialmente a festa brava ocorre no centro e no sul do país, sendo as regiões mais famosas as de Lisboa, do Ribatejo e do Alentejo. Correndo o risco de injustiça considero que as cidades mais citadas são, além de Lisboa, Vila Franca de Xira, Alcochete, Santarém, Moita, Coruche e Angra do Heroísmo, e suas respectivas praças (como são denominados os espaços fechados em que se realizam as corridas/touradas)⁵. As razões da fama de cada uma destas cidades são específicas, mas tourear em quaisquer delas é igualmente importante para compor a trajetória de sucesso e de glória dos/as toureiros/as portugueses/as, eventualmente de Espanha e de França.

Na capital destaca-se a arquitetura suntuosa do Campo Pequeno, somando-se a continuidade de corridas aí realizadas, iniciadas na Páscoa

³ O mundo taurino apresenta amplo vocabulário para designar personagens, trajes, gestos e ações (sortes) com o touro, para os diferentes eventos e espaços festivos. Aqui serão usados quando imprescindíveis.

⁴ Ramirez Barreto (2010) considera que Ingold desenvolve pouco a comunicação entre espécies distintas na sua obra. Concordando provisoriamente com a autora emprego Ingold a minha maneira.

⁵ Agradeço o apoio do colega Luís Capucha (Departamento de Sociologia do ISCTE-IUL) para entender o mundo taurino, em especial os eventos de Vila Franca. Sua revisão de uma primeira versão de partes deste trabalho foi inestimável.

e encerradas até o dia de finados. Vila Franca e Alcochete promovem três grandes festas anuais. Na primeira, realizam-se a Festa do Colete Encarnado, que homenageia os campinos (peões que cuidam do touro bravo nas fazendas denominadas ‘ganaderias’) e a Feira de Outubro (taurinamente mais importante). Na segunda, Festa do Barrete Verde, que homenageia os forcados. Durante estes eventos fazem-se três dias de festas que atraem muitos visitantes, sendo os principais acontecimentos as largadas e as esperas (que descrevo adiante), bem como as corridas na praça de touros. Particpei de todas, mais intensamente do Colete Encarnado. Além delas são citadas a Feira da Moita, e as Sanjoaninas de Angra do Heroísmo – que não cheguei a presenciar. O destaque de Santarém deve-se a sua tradição tauromáquica e grandes ganaderias. Recentemente converteu-se em importante exemplo para enfrentar o movimento anti-touradas, porque organizou corridas com bilhetes mais baratos (com o apoio da Câmara Municipal), lotando a praça e provando a popularidade da prática no país.

Segundo Capucha (1988b) a origem da tourada moderna, tem como marco o sec. XVIII, quando é feito em Portugal o primeiro regulamento para as lides taurinas, constituindo-se ao mesmo tempo em espetáculo e em um campo nos moldes de Bourdieu, com especialistas e funções mais demarcadas. Até então as lides desse tipo seriam organizados como rituais. Na atualidade existem espetáculos bem como modalidades variadas e abrangentes de eventos rituais. Rapidamente cito aqui alguns.

Tourada (corrida de touros), talvez o mais conhecido, realizado numa praça de touros (geralmente do tipo arena, permanente ou temporária), seguindo regulamento específico e contando com a presença obrigatória de representantes do Estado – o Diretor da corrida. Reúne um conjunto de personagens que enfrenta o touro antes do mesmo ser vencido, ou conseguir vencer, aquele principal: o cavaleiro ou matador⁶. Em Portugal

⁶ Numa corrida atuam um conjunto de pessoas que lidam o animal, são denominados toureiros aqueles que vestem os trajes de luzes (roupas bordadas em dourado ou prateado, com formas específicas, frequentes em imagens na web). Em Portugal a principal figura de uma corrida são os cavaleiros/as, que se vestem com trajes à Luís XV, por extensão são chamados de toureiros/as. Em Espanha, ocupa esta posição de destaque o matador, por extensão, também chamado toureiro.

há um personagem específico, os forcados, um grupo de oito rapazes (entre 18 e 30 anos) que enfrenta o touro face a face para dominá-lo e, simbolicamente, realizar o sacrifício, antes dele ser retirado da arena, já que sua morte pública é proibida neste país. Cabe notar uma segunda especificidade da corrida portuguesa, nela o cavaleiro enfrenta o animal montado a cavalo, por isso o nome que tem. Em Espanha a corrida se faz a pé e o toureiro principal chama-se matador (porque faz o sacrifício do animal e tem treino especial para conseguir mata-lo com a espada numa única estocada). Há corridas a pé em solo português, realizadas por matadores espanhóis ou portugueses, mas não podem realizar o sacrifício⁷.

Novilhada, igualmente realizada numa praça, seguindo o regulamento. Reúne quase todos os personagens da tourada, entretanto nela atuam novilheiros e/ou cavaleiros praticantes, etapas necessária para se tornar cavaleiro em Portugal. As rezes são novilhos (geralmente machos com 3 anos), daí sua denominação.

Garraizada, realizada em praças, consiste de touradas com toureiros ou toureiras (não profissionais), onde se desafiam novilhos e novilhas. Distinguem-se pela forma de atuação do público. No final das exposições dos novilheiros/ cavaleiros praticantes, pessoas do público, principalmente homens, entram em grande quantidade na arena para desafiar, num corpo a corpo, novilhos e novilhas selecionados apenas para este fim. As mais citadas em Lisboa são aquelas realizadas por estudantes como parte de uma festa maior, a Queima das fitas⁸.

Largadas e/ou **Esperas**, animais adultos ou não são soltos nas ruas principais de vilas e cidades, cercadas para formar um grande corredor, separando quem assiste daqueles que se dispõem a desafiar o animal frente a frente. Neste desafio não são permitidos usar os instrumentos das touradas, como as bandarilhas (ferros usados nas corridas com as

⁷ Nos parágrafos que se seguem descrevo apenas eventos portugueses, foco deste estudo.

⁸ Tradição acadêmica de Portugal. Durante uma semana são realizadas diferentes festividades, shows, festas e cortejos e em algumas delas as garraizadas. A Queima das Fitas de Coimbra é a mais antiga e a mais conhecida. Assisti a garraizada dos estudantes de Coimbra, na praça da cidade vizinha, Figueira da Foz.

quais o toureiro demonstra sua perícia) ou o capote (a capa para driblar o animal). As sortes ou lides são improvisadas com papelões, panos velhos ou sombrinhas, mas principalmente usa-se o corpo em volteios intensos de aproximações e esquivas das investidas dos chifres dos touros. Há outras modalidades de torneios taurinos, ligados a tradições locais, mas que são citadas menos frequentemente.

Com exceção das touradas nas praças, que podem acontecer durante toda a temporada taurina, os demais eventos têm seu tempo certo de acontecer e relacionam-se com festas maiores, das quais tendem a ser a principal atração. Além das já citadas aqui, destacam-se as festas taurinas dos Açores, e agora vem ganhando relevância e maior divulgação a Capeia Arraiana, ou tourada com forcão⁹, alvo de patrimonialização pelos órgãos de políticas culturais no país, por ser exclusiva de Portugal. As festas calendarizadas se concentram nos meses de julho e agosto, sem datas fixas, mas que coincidem com as férias de verão, e não por acaso, momento em que os migrantes portugueses visitam familiares e pessoas amigas, e por isso muitas delas tem o codinome de festas dos migrantes.

Como se percebe os acontecimentos taurinos estão espraiados espacialmente no país, e simultaneamente nas cidades em que se realizam, tomando ruas e praças públicas, indo bem além das praças de touros. Esta ocupação do espaço pela festa instiga pensar que ela permanece no cotidiano das pessoas por meio dos mecanismos da memória e conformam o lugar que habitam. Passar por estes lugares serve para evocar as lides taurinas do tempo festivo em outros momentos da vida urbana, sendo a praça (quando existe) certamente um importante marco arquitetônico – com características bem específicas – que sinaliza a presença dos touros e sua relação com os humanos (Neves, 2009).

Para além disso, existem as tertúlias tauromáquicas, mais marcantes para mim as de Vila Franca (Capucha 1988a), um tipo de associação fechada, formada por pessoas amigas e/ou aparentadas, com

⁹ Esta tourada usa um instrumento de madeira, o forcão, carregado por um conjunto de 40 homens, que serve simultaneamente para protegê-los e domar o animal. Veja-se o documentário de Pedro Sena Nunes *Há tourada na aldeia*, a quem agradeço pela cópia do filme e conversas instigantes e esclarecedoras.

a finalidade da comensalidade nos momentos de festa, uma preparação para assistir diferentes eventos taurinos, e no cotidiano espaço para ver os canais de televisão destinado as transmissões de touradas (ao vivo, ou repetições)¹⁰. Desde a decoração com troféus, bandeiras, vestimentas, esculturas, fotografias, que fazem das tertúlias pequenos museus privados, tudo evoca a tauromaquia. Óbvio que os temas das conversas entre pessoas associadas são de avaliações e julgamentos de touros – qualidades físicas, bravura, beleza – e das ações humana – coragem, elegância, técnica, coração. As tertúlias tanto antecedem quanto prolongam a festa no tempo, assim como seu espraiamento espacial aqui referido.

Não é simples ou evidente compreender a forma de organização das festas. Ainda que mereça aprofundar os meandros desse processo de financiamento e programação dos eventos, identifiquei diferentes agentes que investem dinheiro e/ou organizam as suas atrações. Sem o intuito de comparação – por terem finalidades distintas, descrevo diferenças nestas organizações. Há festas em que o investimento público é mais evidente, especialmente do Conselho municipal, como nas festas de Vila Franca e de Alcochete – incluindo o cercar as ruas, ordenar o trânsito, promover exposições de arte, distribuir a sardinha, etc. Há festas promovidas pelas Santas Casas de Misericórdia, proprietária de muitas praças de touros no país e que promovem as corridas nas suas arenas. Há festas que são empreendimentos capitalistas – a principal e mais conhecida é o Campo Pequeno que além da praça gerencia um centro comercial no seu subsolo. Há festas que a organização comunitária se sobressai, onde o mordomo não apenas prepara a festa como se encarrega de completar os recursos financeiros para sua realização, buscando o apoio entre parentes, amigos, vizinhos, sendo emblemáticas as Capeias Arraianas.

Portanto, as festas taurinas resultam de uma organização à maneira de um ritual, onde o suporte público é importante, mas os principais esforços são comunitários, baseados em laços de reciprocidade e o lucro não é seu principal objetivo, como são, por exemplo, as festas locais. Elas também resultam de investimentos financeiros de diferentes empresas (ganaderias, empresas culturais, transporte de animais,

¹⁰ As tertúlias são igualmente importantes na Espanha, ver Pink (1996; 1997).

empresas de turismo, comércio, etc) dando retorno lucrativo, promovendo eventos que são de fato espetáculos de entretenimento, como são as touradas em algumas praças. Mas mesmo neste último tipo, quando há relações com festas locais, o seu sentido vai além do espetáculo e toma um significado mais denso, em termos das emoções e da subjetividade por se integrar num sistema ritual mais abrangente.

No mundo taurino, as touradas são acionadas como símbolo de distinção importante, que ao mesmo tempo une a península (alargada até o sul da França) e separa os povos, destacadamente hispânicos e lusitanos, os quais circulam entre os gauleses recebendo muitas deferências. Elas marcam regionalismos internos em Portugal e unem ricos e pobres na sua realização, acionando pertencimentos e rivalidades entre as terras (como é costume lusitano para se referir a região/aldeia/cidade de origem). Mas as touradas também exprimem um modo de lidar com a natureza por meio da relação entre humanos e touros. É sobre humanos e touros que trato a seguir.

Homens e touros – interanimalidade e pessoa humana e não humana¹¹

Exclusivos de Portugal os forcados passaram a ser um dos personagens mais apreciados no país. Atualmente são admirados mesmo por pessoas indiferentes ou contrárias à tauromaquia. Elas justificam esse gosto porque os forcados desafiam o animal usando apenas o corpo, sendo assim eles não provocariam sofrimento e mediriam força de igual para igual¹². Dariam prova de maior coragem com sua vida exposta tanto quanto a do touro. Gozando desse apreço e certa unanimidade, parece crescer o número de grupos de forcados e paralelamente aumentar sua

¹¹ Agradeço a Lenia Pinto, grupo de Forcados Amadores de Alcochete, por me envolver nos meandros da cidade e nos aspectos particulares da organização de um grupo deste tipo.

¹² As medidas de um touro, em média, são: altura de 1,5 metros; comprimento de 1,5 a 1,8 metros; peso típico de 500 Kg a 900 kg. O recorde de peso de um Touro, até 2011, foi de 1750 kg. Velocidade máxima de 40 Km/h. disponível em http://www.portugalzoofilo.net/noticia.jsp?noticia_id=115, consultado em 20 de março de 2014

visibilidade nas corridas, sendo possível sugerir que hierarquicamente tem se aproximado do prestígio atribuído aos/às toureiros/as.

Os forcados formam um conjunto de oito rapazes que entram na arena após o animal haver sido lidado pelos toureiros. Diferenciam-se dos demais pela indumentária específica: camisa branca, gravata e uma faixa vermelha que vai do quadril ao peito enrolada firmemente ao corpo. Por cima vestem um casaco curto – com padrões de ramagem que identificam o grupo. Usam uma calça bege na altura do joelho que se encontram com as meias longas rendadas¹³. Na cabeça um barrete verde, arrematado por uma barra vermelha, que se converteu em símbolo deste personagem. No conjunto cada homem tem uma função e uma denominação. O primeiro da fila chama-se *forcado de caras*, os seguintes são *ajudas*, numerados em ordem crescente, e por fim o *rabejador*.

Iniciam sua atuação formando uma fileira, em seguida o forcado de caras chama o touro entoando as palavras “toiro / toirinho” numa forma de canto, alongando as sílabas. Lentamente caminham em direção ao animal e quando este corre na direção do grupo o conjunto de homens recua, até chegar o momento adequado para que o forcado de caras pule, abrace a cabeça do animal, realizando a *pega*. Os demais rapazes juntam-se neste abraço para frear a corrida e imobilizar o touro. O *rabejador*, como indica o nome, afasta-se do grupo, dando a volta ao animal para segurar-lhe o rabo. Após domarem o touro, o grupo se retira cuidadosamente, ficando apenas o *rabejador* que gira o animal num movimento chamado *carrossel*, que deixa ambos face a face. Quando sente o touro dominado o rabejador retira-se de costas, voltando apenas a cabeça mirando o animal com um olhar entre desafiador e vitorioso, provando que o touro foi vencido. Como se pode ver na sequência de imagens abaixo, registro de um treino a que assisti¹⁴:

¹³ Para se ter uma ideia da vestimenta ver <http://diariotaurino.blogspot.com.br/2011/09/amadores-de-arronches-continuum.html>, consultado em 21 de abril de 2014.

¹⁴ Agradeço a Vasco Lima por ceder as imagens, e ao Grupo de Forcados Amadores de Alcochete o convite para o treino e a permissão para fotografar.



Fonte: pesquisa de campo. Fotografias Vasco Lima¹⁵.

Para realizar esta atividade os forcados, liderados pelo Cabo, estão organizados em grupos que reúnem entre 30 a 40 rapazes, na faixa de 18 a 30 anos. Os grupos se formam a partir de laços de parentesco, vizinhança e amizade. Eles treinam com certa regularidade para aprender as técnicas das pegas, permitindo que os cabos avaliem em que posições (ou posição) atuam melhor. Os treinos fortalecem os laços entre os membros e propiciam avaliar comportamentos, que transparecem os valores nos quais os forcados baseiam suas relações, permitindo ingressar e continuar nos grupos.

A *amizade* é um valor fundamental para os grupos, sendo ela que garante o sucesso das *pegas*. O grupo necessita agir de forma coordenada e exata para evitar acidentes, sendo para isso essencial controlar o *medo*, ou noutras palavras *ter coração*, o que se faz por meio da *união* entre os membros baseada na *confiança* da ação dos companheiros. Junta-se a isso,

¹⁵ Para ver a movimentação há registros em vídeos disponíveis na internet.

como se espera, o amor aos touros, o mesmo amor que torna acessível ao forcado conhecer a *alma* do touro que irá enfrentar.

Este conjunto de ações visa de fato constituir a relação entre humanos e touros. O que dizem os homens sobre estes animais? Como estabelecem a comunicação entre espécies que tem modalidades distintas de linguagem? Segundo um dos entrevistados olhar o animal no campo é fundamental, para ver seus movimentos, seu porte, e poder presumir suas intenções. Estar nos eventos taurinos o mais que se possa, para descobrir as possibilidades que cada touro revela do conjunto da espécie, pois não existe um touro igual a outro. Dessa maneira desenvolvem habilidades para usar o seu corpo de homem para enfrentar o corpo do touro, pois na observação constante e na interação contínua dos treinos das várias pegadas descobrem suas potencialidades humanas e aquelas do touro. As forças recíprocas, os tipos de movimentos capazes de realizar, as formas corporais de cada um dos animais em interação, bem como as capacidades perceptivas. Por exemplo, a altura do homem indica ou restringe sua capacidade para ser forcado de cara, obviamente juntando-se suas habilidades. O formato dos cornos dos touros pode favorecer ou dificultar a ação dos forcados, e assim por diante. Por sua vez, somente a interação permite antecipar a ação do touro para que o forcado realize a sua própria ação. Por isso é possível compreender a ênfase dada à técnica e não à força, para descrever a atuação dos forcados na tourada atual. Aqui poderia trocar técnica pelo sentido de habilidade empregada por Ingold nos seus diferentes trabalhos. Este deslocamento do puramente físico para uma noção de tornar-se hábil, evidencia também o estar no mundo de forma sempre criativa. Num processo em que estamos e formamos o mundo em interações recíprocas entre ambiente, humanos e outras espécies. Esta me parece ser a noção de habitar usada por Ingold a qual se relaciona com a constituição de pessoa que inclui as dimensões orgânicas do corpo, as relações com outros humanos e com os animais de outras espécies.

Todas estas ações ocorrem dentro da história humana e animal, por isso os sentidos dados historicamente aos touros e aos homens em interação guiam este processo, onde a noção de organismo pessoa faz total sentido. Os touros tem qualidades que são conjuntos simbólicos relacionados a este animal, mas que não são apenas símbolos. Por

exemplo, uma boa corrida, largada ou espera depende das ações e práticas dos touros – se é bravo, se não se acovarda das investidas humanas, não se entrega e defende sua vida ou demonstra sua força até o fim do evento, quando é retirado da arena. Um bom toureiro ou grupo de forcados dependem sempre das qualidades que o animal revela no momento mesmo da corrida.

Bravura, coragem, força (no sentido de não se entregar ainda que cansado), criatividade (no sentido de surpreender nas esquivas e investidas) são qualidades do animal as quais serão buscadas pelos humanos no momento da interação. A coragem do homem somente se revela se efetivamente o touro for também bravo – não demonstrar medo, não negacear às investidas e às provocações. Sua força, não desistir da luta, possibilita ao homem mostrar sua garra, como se diz no mundo taurino. A criatividade do animal revela a razão humana, que vencerá finalmente a força sendo mais criativa. Aí talvez, a beleza que o ritual comporta, a ideia de arte que nele se procura. Ambos, humanos e animal, estão igualmente tentando suas sortes – sorte no sentido dos gestos convencionados de cada tipo de ação e no da imprevisibilidade do jogo. É aí que o *coração* de toureiros e forcados se revela.

Os touros são pessoas situadas em grupos, pois cada ganaderia produz animais com qualidades específicas, daí a fama maior de uma do que de outra. Em diferentes conversas com toureiros e forcados eles me falavam da importância do treino, de seguir os eventos taurinos para observar os diferentes touros, antecipar possibilidades de lides e sortes. Mas também faziam notar que isso nunca era suficiente para conhecer o touro, pois cada um tinha sua própria alma que se revelava apenas ao se estar frente a frente com ele. Se seria um touro de coragem ou não, se seria um touro mais previsível ou não.

Outra questão importante derivada desta noção de pessoa é a avaliação que se faz das lides em termos de, na falta de melhor termo, lealdade e respeito entre as partes. O touro é sempre considerado honesto e transparente no seu modo de atuar. Ele sempre, em alguma medida, sinaliza como irá agir. Assim um bom toureiro não pode investir com brutalidade sobre o animal, ou com imperícia ferindo-o fora das áreas estabelecidas. Um bom toureiro não pode investir sem avisar que vai fazê-lo, ainda que com isso faça uma esquiva para se livrar de ser

colhido pelos cornos do animal. As palavras de Ramirez Barreto podem resumir esta questão:

...la interacción entre humanos y los otros animales en contextos de violencia convencionalmente aceptada (p.e., tauromaquias y juegos a caballo) no se da bajo el supuesto de que el otro animal es un autómatas despersonalizado, sino un agente, una persona que no tiene responsabilidad moral o legal de sus acciones pero que es buscado precisamente porque responde introduciendo imprevisibilidad y creatividad en el juego, desde su propia experiencia. (Ramirez Barreto 2010: 37)

Aqui vale uma parada mais teórica. Esta interação não supõe uma subjetividade para o touro, mas sim uma agência. Não é uma subjetividade porque como afirma Ramirez Barreto (2010:41): *no podemos suponer en todos los que son agentes, con consciencia práctica, la condición subjetiva, pensante, intelectual, con consciencia discursiva, narrativa, que llegamos a suponer tratándose de humanos adultos*. Portanto as ações do touro decorrem da prática – ou se for preferível, da percepção do mundo mediante as qualidades corporais que se tem e do ambiente em que se vive – o que também é válido para os humanos¹⁶.

Mas isso não nega a ação do touro, por isso a possibilidade de falar-se de pessoa. Entretanto, definitivamente não é um sujeito de direito – ou pelo menos até agora. Considero que nas touradas o que ocorre é a internamalidade, valendo-me mais uma vez de Ramirez Barreto (2010: 34):

Interanimalidad es un concepto que denuncia la ilusión de la superación humana de la condición animal, cuando por ella se entiende lo determinado, mecánico, instintivo y limitado a la mera corporalidad (constitución ontogenética), o un pasado evolutivo que ha quedado atrás con la adquisición de herramientas o del lenguaje articulado (constitución filogenética), o la depuración y distanciamiento de nuestros

¹⁶ Ver Csordas (2008), especialmente capítulo 2.

espacios vitales como espacios humanos, sin animales (constitución social, cultural e histórica).

La nuestra es una existencia en el continuum interanimal, del cual no sólo no disponemos, verticalmente, sino que nos atraviesa en varios sentidos, nos hace agentes entre otros agentes (de otras “especies”) y nos constituye hasta la médula, incluso en aquello que se dice exclusivamente humano.

Esta possibilidade teórica avança além da chave do totemismo – sem que necessariamente exclua as conclusões que se chega por esta via interpretativa, especialmente para compreender o desenvolvimento simbólico das touradas dentro e como resultado da história. Ao que me parece hoje o que está em disputa seria que noção de pessoa devemos atribuir aos touros nas relações com os humanos nas touradas?

Animalistas e tauromaquia: de quais pessoas não humanas estamos falando?

A história da tauromaquia portuguesa é marcada por dividir as pessoas entre apreciadoras, desafetas e uma parcela considerável de indiferentes. Sem que seja possível precisar em que momento o controle sobre esta prática se inicia é admissível supor que a modernidade europeia inaugura os registros das opiniões que condenam esses eventos. Os argumentos mais repetidos baseiam-se numa racionalidade humana que não comportaria torturar um animal até a morte antes do seu sacrifício, considerado um costume bárbaro e sanguinário inadequado para pessoas civilizadas¹⁷.

No momento atual, esta tensão moral ganha novo contorno. O debate se desloca de uma disputa interna a Portugal, sobre se as touradas permanecem ou não, para um embate entre cosmovisões quanto ao que vem a ser cultura e natureza – que pretende abarcar o planeta, mais uma

¹⁷ Adelia Cortina (2009) faz uma revisão no campo da filosofia quanto a variação moral para nortear as relações entre humanos e animais na Europa, desde a Grécia Antiga, passando pela influencia do cristianismo, até o momento presente. (Especialmente capítulo 2).

vez partindo do ocidente para o “resto do mundo”. O movimento anti-touradas está incluído num conjunto maior de manifestações onde a defesa dos direitos animais é apenas um dos tópicos que visam transformar como os seres humanos devem se portar frente à natureza e, por conseguinte como deve ser sua relação com a cultura. Aliado com demandas ecológicas, alimentação vegana, práticas de cura alternativas à medicina ocidental, entre outras questões, o argumento se amplia para proteção e preservação do planeta como um dever moral de seres humanos racionais (Salvador, 2001, Capucha, 2002). Nesta conjuntura o movimento ganhou força para manifestar-se publicamente no espaço mesmo da tauromaquia, não se restringindo a criticar o barbarismo do sacrifício ritual do animal por meio da imprensa ou da literatura.

Em entrevista com liderança do movimento em Lisboa fui esclarecida que em cada localidade elegem-se relações emblemáticas entre animais humanos e não humanos para usar nas manifestações. Esta escolha se relaciona com quantidade – o número significativo de relações deste tipo na sociedade; e com a qualidade – sua legitimidade e visibilidade cultural. Por exemplo, nos Estados Unidos da América e Inglaterra o foco das ações dos animalistas são os experimentos científicos com animais, pela importância da indústria farmacêutica. Em Portugal e Espanha a tauromaquia foi a escolhida como emblema desta luta, obviamente pelo seu valor e tradição em ambos os países. Tais eleições não invalida que sejam realizadas atividades mais abrangentes, que tratem, por exemplo, do abandono de animais de companhia, dos maus tratos aos animais na indústria de alimento, seu uso para divertimento nos circos e zoológicos, da defesa de animais ameaçados de extinção, etc. Em suma, o uso de animais não humanos para fins de satisfação de necessidades humanas, incluindo aí pesquisas para testes de medicamentos. Anualmente promovem-se em Lisboa, repetidas em outras cidades, passeatas com palavras de ordem variadas, mas tendo sempre em destaque a tauromaquia.

O debate sobre direitos animais vem crescendo nas últimas décadas. Segundo Adelia Cortina (2009:42) até os anos 1970 haviam sido publicados apenas 94 trabalhos sobre animais, este número aumentou para 240 em 1988, sendo atualmente na ordem dos milhares. O campo não é homogêneo, havendo os defensores, amplamente revisados por

Luciana Lira (2013) ao estudar o veganismo, e aqueles que confrontam os animalistas (Cortina, 2009). As publicações acadêmicas sobre tauromaquia mudam seu foco, por exemplo, os trabalhos inaugurais de Pitt-Rivers visavam à compreensão simbólica do ritual e suas funções sociais. Atualmente soma-se a esta compreensão uma dimensão crítica aos animalistas, como é o caso dos trabalhos do filósofo francês, Francis Wolff, e em Portugal os do sociólogo Luís Capucha¹⁸. Os argumentos se voltam para demonstrar que na tourada os animais não são maltratados, mas antes são vistos como pessoas, no sentido humano do termo; também para mostrar que elas se inserem numa cosmovisão em que humanos e outros animais convivem em proximidade e não apenas por fotografias, de uma natureza selvagem e/ou ameaçada de extinção, ou como animais de companhia, conforme se dá nas grandes cidades¹⁹. Contextualizadas, as touradas tornam-se tradições culturais que merecem receber o título de patrimônio local ou nacional, como aconteceu com a Capeia Arraiana, por exemplo.

No campo da antropologia o debate corre por outro caminho, não necessariamente informado por uma defesa dos direitos animais, mas por uma profunda revisão da relação entre humanos e ambiente. Desde os anos 1980 surgiram trabalhos que colocaram em cheque a universalidade da oposição natureza cultura²⁰. O alcance da crítica atinge os grupos sociais da Europa e dos Estados Unidos, posto que seus desdobramentos, a exemplo da obra de Tim Ingold, revelam como as teorias que explicam nossa espécie desconsideram a dimensão animal, para um foco preponderante na produção cultural.

Aqui não pretendo revisar o que dizem os filósofos animalistas os quais embasam os argumentos dos grupos anti-touradas de Lisboa.

¹⁸ Cabe notar aqui que as pesquisas sobre tauromaquia portuguesa no âmbito acadêmico são descontínuas e escassas. As razões, apontadas por colegas com quem conversei sobre o tema, seriam a relação entre a tauromaquia e salazarismo. Capucha esforça-se em mostrar que a relação entre tauromaquia e posições políticas conservadoras não corresponde a prática, posto que dos dois lados do espectro político – socialismo e liberalismo – há pessoas aficionadas.

¹⁹ Luís Capucha em comunicação pessoal.

²⁰ Ver por exemplo Marilyn Strathern, Philippe Descola, Eduardo Viveiros de Castro, para citar alguns, e Tim Ingold, no qual me baseio aqui.

Ponto dois argumentos mais importantes, para os propósitos deste trabalho, por estarem na base da proposição de atribuição de direitos aos animais, fundamentando a proibição das touradas. Alguns animais não humanos são seres sencientes – são capazes igualmente de sofrer (sentem dor) ou de ser feliz (demonstram alegria). Todos os seres vivos existem para garantir sua própria vida, por isso as espécies equivalem entre si. Estes fundamentos permitem demonstrar cognição animal, com base na senciência, e do princípio da defesa da vida extraem-se exemplos associativos que evidenciam uma ética não especista, mas colaborativa na defesa de vidas de valores iguais.

Os dois argumentos trazem em si seus limites. É preciso definir quem é senciente, para estabelecer os direitos jurídicos que irão poupar estes seres do sofrimento. É preciso, para manter a vida, considerar os seres que podem servir de alimento entre si, particularmente aos humanos. Nesse processo de definir estes limites e suas conseqüentes relações volta no ideário animalista a filosofia iluminista, particularmente a grande cadeia do ser, na qual os seres humanos ocupam o topo em decorrência da sua capacidade racional. O debate é extenso e tem aspectos curiosos – por exemplo, de partida os vegetais, na maior parte dos autores, estão excluídos da senciência, daí passa-se aos peixes, às aves, e os animais microscópicos e os seres vivos que nos habitam são, mesmo na era de lentes potentes, invisibilizados.

Ainda que no princípio da manutenção da vida sejam consideradas lícitas as relações de caça e presa na vida selvagem, extensiva aos animais domesticados, não se consegue resolver, sem constrangimentos morais ou contradições lógicas, como os seres humanos devem incluir ou excluir de sua dieta outros seres vivos. Bem como as relações moralmente positivas com os demais seres do planeta – ou seja, que não causem sofrimento e que não transformem os animais e a natureza, de forma abrangente, como coisas inertes e não sensíveis para serem usadas pelos seres humanos.

Em certa medida, nesta filosofia, a pretexto de propiciar direitos aos animais não humanos, com base na crítica ao especismo, retira-se dos humanos sua animalidade pois voltamos a ser definidos pela razão (Ingold, 1995). Razão que deve possibilitar a construção de uma ética, espelhando-se nas éticas animais, julgadas superiores aos valores que nos

regem no momento, que supere todas as demais, posto que formuladas por seres que são apenas sencientes e não plenamente racionais. É inevitável também um longo debate sobre linguagem e seu alcance em cada espécie, bem como quanto à capacidade de planejamento e intencionalidade na ação entre os não humanos. Neste sentido, como já disse, a definição iluminista de ser humano se mantém, mas muda-se o valor atribuído as ações humanas no mundo natural. Baseado na ideia de progresso o Iluminismo facultou aos humanos a exploração da natureza por meio do uso da razão. Os animalistas acham que, por este mesmo motivo, os humanos tem o dever moral da proteção à natureza.

Não cabe aqui entrar nas questões jurídicas sobre as possibilidades ou não de atribuir estatuto de pessoa aos animais não humanos para que gozem de direitos no campo jurídico, ainda que administrados pelos humanos. Considero importante destacar outra questão que parece vir junto com esta discussão. No debate feito pelos militantes, que estão informados pela ciência biológica (particularmente a etologia) e pela filosofia animalista, há uma profunda rejeição a humanização de animais de companhia, ou *pets*. Para além da crítica à comercialização e de usar um animal para satisfazer necessidades de animais humanos, critica-se o tipo de pessoa que estes animais não humanos se tornam. Sendo criados em casas e apartamentos a imagem e semelhança de humanos, eles (os animais) estariam perdendo suas características de seres naturais, o que equivaleria a não ter considerada sua senciência, qualidade que justifica lhes conceder direitos, por mais bem tratados que sejam. Curiosamente entre as pessoas que tem animais de estimação os animalistas parecem ter um grande numero de simpatizantes.

Pode-se pensar que os animais não humanos serão considerados como pessoas apenas no âmbito do direito, por meio do qual suas relações com os seres humanos serão estabelecidas. Seguindo a noção de habitar de Ingold as modalidades de interação entre animais humanos e não humanos serão bem restritivas. Novamente o estado, que em certa medida retirou do termo sociedade a ideia de comunhão fraterna entre seus integrantes, tornando-se o regulador das relações, toma o controle também da natureza (Ingold, 2003). A questão aqui posta não é se o estado deve ou não regular a relação dos humanos com o ambiente ou postular sua supressão, mas antes evidenciar que as modalidades de

interação entre animais humanos e não humanos realizada, até certo ponto, sem um controle do estado, poderá vir a ser por ele mediada. A sugestão explicativa deste autor para mutualismo e autonomia criativa parece não caber nesta proposta de direitos animais. Segundo Ingold o organismo está incluído na noção de pessoa humana, que se forma num processo relacional entre os organismos-pessoas, o mundo e os grupos sociais. Dito de outro modo, na defesa dos direitos animais tendo em vista uma melhor relação entre nossa espécie e o mundo em que vive, para uma conservação do ambiente devastado pelo capitalismo, os seres humanos parecem ter que se retirar deste mundo. Um mundo que é concebido, no limite, como existindo melhor na ausência da espécie *homo sapiens*, como me declarou uma mulher entrevistada, que se define defensora dos direitos animais. Ou seja, os animalistas não apenas reduzem a definição do humano à razão, retiram também o humano do mundo, negando seu corpo, a percepção e um conjunto vasto de experiências daí derivadas.

Compreende-se porque os animalistas não consideram os argumentos que emanam da tauromaquia como válidos. No mundo taurino touros e humanos são igualmente pessoas, suas qualidades são reciprocamente definidas no curso da relação durante corridas, largadas e esperas. Os humanos não se divertem com o sofrimento do animal, na verdade não querem tal sofrimento. Os humanos e os touros tornam-se pessoa relacionalmente ao tempo em que formam a vida social e o próprio ambiente, para continuar seguindo o argumento de Ingold. Como no horizonte animalista os animais estarão limitados a um tipo específico de pessoa, todas as outras possibilidades devem ser excluídas.

Ao analisar os tipos de pessoa em jogo nas propostas animalistas, talvez seja possível compreender as acusações usadas pelo movimento que atingem a pessoa que transita pela tauromaquia, extrapolando o debate do âmbito político para uma dimensão pessoalizada. No meu modo de ver numa disputa sobre valores morais e políticos os oponentes não devem defender seus pontos de vista desqualificando-se mutuamente como pessoas, mas sim usando argumentos que sustentem suas posições. No geral as disputas são desencadeadas quando há poder em jogo que resultam em desigualdades. Por exemplo, eu sou feminista, mas para desqualificar minhas posições políticas eu recebo qualificativos

que visam me desestabilizar como pessoa – feia, mal amada, lésbica. O mesmo parece fazer os animalistas que acusam os e as aficionados/as das touradas de assassinos, torturadores e alguns chegam até ao ponto de acusar de um tipo de pedofilia.

Compreende-se também, possivelmente, o acirramento dos ânimos e a tensão que ronda o Campo Pequeno – única praça em que vi a atuação dos animalistas em Portugal – quando os animalistas fazem suas manifestações, rodeados por aficionados. Segundo as lideranças do movimento todas as vezes que se realizam as manifestações – por um numero muito pequeno de pessoas – a policia é acionada para protegê-las. Curioso que sejam as pessoas mais elevadas moralmente aquelas que insultam seus oponentes num nível de conduta moral pessoal, saindo do campo político do debate. Mas com a proteção que requerem da polícia esta contradição argumentativa se obscurece, pois se os animalistas precisam de proteção policial para manter sua integridade é porque de fato há excesso de animalidade nas pessoas do mundo taurino. Entretanto pode não reverter em aumento de simpatizantes para seu movimento no seu sentido pleno, pois é muito difícil tornar-se ser humano formado neste mundo e sendo forçado a viver fora dele.

Bibliografia

- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. 2010a. “Mulheres e cultura popular: gênero e classe no bumba meu boi do Maranhão.” *Maguaré*, v. 24: 69-98
- _____. 2010b. “Estéticas e disputas em torno do Bumba-meu-boi (São Luís, Maranhão).” *Revista Antropológicas*, v. 21: 77-97.
- _____. 2011. “Gender and musical performance in Maracatus (PE) and Bumba Bois (MA).” *Vibrant* (Florianópolis), v. 8: 322-353.
- _____. 2004. *O “urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP.
- CAPUCHA, Luís. 2002. “Barrancos na ribalta, ou a metáfora de um país em mudança.” *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 39: 9-38.

- _____. 1999. "Tauromaquia e identidades culturais locais." *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 8: 139-145.
- _____. 1988a. "Cultura popular vilafranquense." *Boletim da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*, n.º 3.
- _____. 1988b. "O campo da tauromaquia." *Sociologia* n.º 5.
- CORTINA, Adelia. 2009. *Las fronteras de la persona*. El valor de los animales, la dignidad de los humanos. Espanha: Editorial Taurus (http://www.elboomeran.com/upload/ficheros/obras/cap.2el_movimiento_animalista.pdf acesso em 19/02/2014)
- CSORDAS, Thomas. 2008. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp. 101-46.
- DESCOLA, Philippe. 2006 [1993]. *As Lanças do Crepúsculo: Relações Jivaro na Alta Amazônia* São Paulo: Cosac Naify.
- INGOLD, Tim. 2003. A evolução da sociedade. In : FABIAN, A. C. (org.). *Evolução – sociedade ciência e universo*. p. 107-131. Bauru: EDUSC.
- _____. 1995. Humanidade e Animalidade. *Revista brasileira Ciências Sociais*, v. 10, n. 28. (http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm acesso em 12/09/2011)
- LIRA, Luciana Campelo de. 2013. *Limites e paradoxos da moralidade vegan: um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo*. Tese de Doutorado em Antropologia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- NEVES, Marina Alexandra Rodrigues. 2009. *Abrir praça: a arquitectura das praças de touros em Portugal*. Tese de Mestrado em Arquitectura. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- PINK, Sarah. 1996. "Breasts in the Bullring: Female Physiology, Female Bullfighters and Competing Femininities." *Body & Society*, Volume 2 (1): 45-64.
- _____. 1997. *Women and Bullfighting: gender, sex and the consumption of tradition*, Oxford: Berg (short-listed for the UCL Folklore Society Prize 1998).
- RAMÍREZ BARRETO, Ana Cristina. 2010. "Ontología y antropología de la interanimalidad. Merleau-Ponty desde la perspectiva de Tim Ingold".

Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 17, volume 24(1), 2013

AIBR. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Volumen 5, Número 1 : 32-57. (www.aibr.org acesso em 19/02/ 2014)

SALVADOR, Juan. 2001. “Une forme de sacralisation de la nature: les mouvements de défense des animaux”. *Horizontes antropológicos*, vol.7, n.16 : 85-112,

STRATHERN, Marilyn. 2006. *O gênero da dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia*. Campinas: Editora da UNICAMP.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, vol. 2, n. 2: 115-144. (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131996000200005&script=sci_arttext. Acesso em 21/09/2011)

Recebido em março de 2014

Aprovado para publicação em abril de 2014